

PROJETO: "HISTÓRIA DA UFJF"
Formulário de registro das informações sobre a entrevista
Instituição responsável pela custódia: Universidade Federal de Juiz de Fora Localização: Projeto "História da UFJF" - SALA CIII 12 Código de Referência: 18 Entrevista N.º: 18 Tipo de Arquivamento: Áudio, Vídeo e impresso. Fundo/Coleção: Entrevistas Projeto "História da UFJF"

Detalhamento dos objetivos e natureza da Entrevista
História de Vida: () História Oral Temática: (x) Tradição Oral: () Linha de pesquisa: Memória da UFJF Projeto de pesquisa: "História da UFJF" Responsável (s) pelo projeto de pesquisa: Marcos Olender (coordenador Geral) Camila Gonçalves S. Figueiredo (Coordenadora Executiva) Objetivos da coleta do depoimento: A coleta do depoimento tem por objetivo a constituição de acervo de depoimentos orais de indivíduos que possuem experiências na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, ao longo da sua história.

Dados Pessoais do Entrevistado
Nome: Mario José dos Santos Data de Nascimento: 01/01/1949 Cidade: São João Nepomuceno Estado: MG Nacionalidade: Brasileiro Sexo: (x) M () F Estado Civil: Casado Demais informações/dados para contato: Rua Belo Horizonte, n.º330 ap.405. Bairro São Matheus Telefone: e-mail:

Atuação profissional
Formação: Doutor em Filosofia Cargo/função: Professor Trajetória profissional: Foi professor do Colégio Militar Tiradentes, trabalhou concomitantemente na Universidade durante alguns anos. Depois passou a trabalhar sob o regime de dedicação exclusiva na Universidade federal de Juiz de Fora.

Dados do Conteúdo da Entrevista
Sumário da Entrevista: [00:01 - 08:30] Trajetória de Vida: infância, juventude; formação profissional; cidade de Juiz de Fora, infraestrutura, política. [08:30 – 11:29]

Participação no sindicato dos professores; filiação partidária; organização estudantil; greves; formalidades acadêmicas; política e economia nacional.

[11:29 – 16:06]

Metodologias de trabalho, aulas e avaliações; recursos e ferramentas didáticas; recursos financeiros do departamento; trajetória profissional na UFJF e fora dela;

[16:06 – 23:41]

Relação da UFJF e a cidade de Juiz de Fora; avaliação do Reuni; relação com órgãos de pesquisa.

[23:41 – 32:58]

O papel da ciência e do professor para sociedade; vislumbre da UFJF daqui a 50 anos.

Palavras-Chave: professor, pesquisador, filosofia.

Resumo: *(informações gerais do conteúdo da entrevista)*

A entrevista trata da trajetória do professor Mário José dos Santos (professor e coordenador do curso de Filosofia) enquanto seminarista, professor do colégio tira dentes e da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Dados Técnicos Entrevista

Data da realização da entrevista: 28/08/2013

Local (completo):

Duração: 1 hora: 10 minutos

Nº de fitas e/ou tempo de gravação: 33 minutos e 1 segundo – 2 áudios e 2 vídeos

Números de identificação das fitas e/ou do arquivo em áudio: 18

Responsável pela pesquisa e elaboração do roteiro: Eduardo Barbosa

Entrevistador: Carolina Martins Saporetti

Cinegrafista: *(quando houver)*:

Auxiliar (s) Técnico: *(quando houver)*

Responsável pela transcrição: Eliene da Silva Nogueira

Data da transcrição: Início: 21/10/2013 Conclusão: 12/12/2013

Responsável pela conferência da transcrição: Eliene da Silva Nogueira

Data da conferência da transcrição: 28/11/2013

Responsável pela edição de texto *(se houver)*:

Especificações da edição de texto *(se realizada)*:

Data de assinatura do termo de autorização: 28/08/2013

(quando a autorização não ocorreu no ato da entrevista também especificar a data)

Data da liberação: dd/mm/aaaa

(somente quando o entrevistado solicitou o sigilo por um prazo determinado ou até a sua morte)

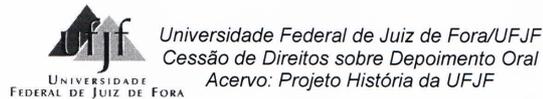
Qtde. de páginas transcritas: 10

Endereço para acesso eletrônico do arquivo em áudio:

Endereço para acesso eletrônico da transcrição:

Observações relevantes: a entrevista foi realizada no gabinete do professor entrevistado, sala C-IV, localizada no prédio do novo ICH. Ocorreu uma interrupção durante a gravação, quando um professor da Filosofia entrou na sala.

Inserir Declaração de Cessão de Direitos autorais (versão digitalizada)



CESSÃO DE DIREITOS SOBRE DEPOIMENTO ORAL

Pelo presente documento, eu, MARIA JOSÉ DOS SANTOS
nacionalidade: BRASILEIRO, estado civil: CASADA,
profissão: Professora, portador do documento de identidade
Nº: M-8.104.313, domiciliado e residente na cidade de
Juiz de Fora, endereço: Rua Belo Horizonte,
Apto 405 nº: 330, bairro: São Mateus, declaro ceder Universidade Federal de
Juiz de Fora, situada na cidade de Juiz de Fora/Minas Gerais, na Rua José Lourenço
Kelmer, s/n, Campus Universitário, bairro São Pedro, sem quaisquer restrições quanto
aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, de maneira total e definitiva os direitos
autorais do depoimento e da transcrição do mesmo, de caráter histórico e documental
que prestei aos alunos e pesquisadores da referida instituição, em 28 de
agosto de 2013, num total de 0:33 horas gravadas. A Universidade
Federal de Juiz de Fora, no ato das suas atribuições, ficará com a custódia desta
entrevista e irá disponibilizá-la para consulta e utilização por outros pesquisadores em
meio eletrônico e em arquivo.

Demais especificações:

Finalidade do depoimento: **Projeto "História da UFJF"**

Método de gravação e arquivamento:

Juiz de Fora / 28 de agosto de 2013.

Maria José dos Santos
Assinatura do entrevistado

Brochira Martins Zaparetti
Assinatura do (s) responsável (s) pelo Projeto "História da UFJF"

Transcrição da Entrevista

[00:02] Carolina: Então começando a entrevista eu queria que você falasse um pouco sobre sua trajetória de vida, o ano de nascimento, a cidade em que nasceu?

[00:11] Mário: Eu nasci em São João Nepomuceno, cidade que fica aqui a uns 70 e poucos quilômetros de distância, depois de Bicas. Nasci numa família modesta, simples, muitos irmãos, 11 irmãos e o meu pai é assalariado vivíamos em casas alugadas, demoramos muito tempo para construir uma casa. Mas pra mim foi uma infância muito prazerosa, pelo fato que essa é uma mãe muito inteligente um pai dócil dedicado a casa. Então não tínhamos aquele conforto, mas também nunca passamos dificuldades, então eu tive uma infância muito feliz, brincava muito, futebol na chuva, tinha um campinho perto da minha casa. Então foi uma infância e uma adolescência, assim, muito feliz sem transtornos. Depois eu eu me decidi me decidi a estudar no seminário, Seminário Santo Antônio aqui em Juiz de Fora, seminário arquidiocesano. Então ali passei longos 14 anos, então fiz ali o meu curso de filosofia, todo o ensino fundamental, ensino médio e depois filosofia. E fui fazer a teologia em Mariana, aqui não havia o curso de teologia. Depois quando retornei pude revalidar o meu curso de filosofia, que no início era um curso livre e complementei o meu curso de filosofia iniciado no seminário né, lá completei o currículo exigido, mas não era o exigido pelo MEC, então para oficializar tive que fazer mais algumas disciplinas, outros trabalhos, e ai recebi o diploma de graduado em filosofia antiga faculdade Salesiana Dom Bosco, que hoje é Funrei.

[02:05] Carolina: E quando você conheceu Juiz de Fora, foi logo quando veio pro o Seminário de Santo Antônio ou conhecia a cidade antes?

[02:12] Mário: É só esqueci de dizer que eu nasci no dia primeiro de janeiro de 1949 né, hoje portanto com 64 anos e 32 aqui na Federal, já podia ter aposentado, mas não não me permitiram.

Carolina: Sim.

[02:32] Mário: Ah, conheci Juiz de Fora antes porque os meus avós é maternos moravam aqui. Então eu vinha com minha mãe, ainda tinha o trem naquela época, nós íamos de trem sobre o morro (incompreensível) Juiz de Fora para visitar a sua mãe o seu pai né, da minha mãe. Então essas visitas esporádicas, mas era criança e tenho assim me lembrado mais do

trem. Aí vim conhecer Juiz de Fora em 62 quando vim para o seminário, a época Juiz de fora ainda tinha bondes, andei de bonde aqui em Juiz de Fora por algum tempo.

[03:10] Carolina: E quais foram suas motivações pessoais e sociais que levaram a escolher sua profissão de professor?

[03:17] Mário: Olha foi um pouco ao acaso, foi um pouco ao acaso porque eu não tinha esse propósito de vida. A primeira vocação que eu tinha era de ser chofé de caminhão, quando criança brincava em casa de caminhão aquela coisa toda. Eu nunca pensei, assim, mesmo quando jovem, quando estava terminando o ensino médio de que podia pegar umas aulas, e aí aconteceu o vindo de uma família pobre com poucos recursos aonde eu podia ganhar algum trocado pra comprar algumas coisinhas né, serve pra fazer um lanche melhor, uma roupinha melhor. Então sugeriram três vagas, duas para matemática e uma para português. Quando eu entrei em contato para preencher uma das vagas de matemática, porque eu fui um dos melhores alunos de matemática do ensino médio, já tinham sido preenchidas. Mas por conta de pegar alguns trocados eu encarei e fui estudar português, português, português e e no desdobramento do futuro pra mim acabou sendo vantajoso né, me dedicar mais a língua portuguesa do que a matemática né. Então quer dizer, indo para magistério mesmo não tendo é uma pré-vocação eu fui achando aquilo muito agradável, você poder ter contato com os alunos, ensinar, porque ensinando a gente aprende muito mais. Eu fui percebendo isso, tomei gosto né e me enveredei por esse caminho. Quando eu me ordenei, eu fui padre durante nove para dez anos, aí fui convidado para dar aulas, na época tinha tal de moral e cívica, fundamentos da educação, que se resumia a história da educação, psicologia da educação e filosofia da educação, e a a minha carteirinha de registro de professor me dava direito para lecionar essas disciplinas. Aí trabalhei no colégio militar durante 11 anos, 76 a 87, como eu vim pra Universidade em 82 trabalhei concomitantemente alguns anos aqui e no Colégio Tiradentes da polícia militar, pelo fato de ter assim, um apego muito grande aquele colégio que me deu uma oportunidade e aonde eu me vi crescer como como professor.

Carolina: Sim.

[05:47] Mário: Depois fiz a a especialização aqui na Universidade em filosofia, depois fiz o mestrado em filosofia e fui fazer o doutorado com mais quatro colegas, inclusive um que é professor aqui Luciano Camelino, fomos fazer o doutorando juntos na Universidade Gama

Filho no Rio de Janeiro, lá no bairro Piedade. A gente ia segunda e terça, ia na segundas e voltava na terça.

Carolina: Uhum.

[06:14] Carolina: E como você enxerga a cidade de Juiz de fora hoje, a infraestrutura, política?

[06:19] Mário: Olha eu sempre digo o seguinte: eu a minha terra natural é São João Nepomuceno, não vai sair isso da minha memória, da minha lembrança do meu amor, da minha gratidão pelo fato de ser uma cidade muito boa João Nepomuceno cidade pequena. Mas eu digo eu sou juiz de forano adotado, por afeição, pelo gosto e até lhe digo francamente eu não gosto de sair de Juiz de Fora. Embora eu tenha uma paixão muito especial pelo rio de Janeiro, mas não quero morar lá nem de graça, só para passear. Então a cidade que eu adotei é Juiz de Fora.

[06:56] Carolina: Sim. E como você enxerga essa política?

[06:58] Mário: Ah, acho o seguinte não gosto muito da política de Juiz de Fora, é muita fofoca, muito é favorecimento, eu não gosto realmente, mas política também não é o meu valor, meu valor é social. Então não tenho muita simpatia pela política né, mas acho assim, Juiz de Fora tem uma qualidade de vida muito superior a outras cidades, uma qualidade de vida, segurança e aqui eu criei os meus dois filhos. Quando eu deixei o sacerdócio eu me casei, tenho dois filhos, uma filha que está fazendo o mestrado na USP em São Paulo e um filho, ela se formou em educação física está unindo aí a educação física com a reabilitação cardíaca, um trabalho muito bonito tá no mestrado já, já fez o aprimoramento de um ano em Incór e agora está na USP juntamente com Incór, trabalha inclusive lá, assim, como como monitora. E o Eulo se formou agora em química e já está dando aula no Estado, lá cidadezinha de Rio Preto aqui perto. Então eu acho assim, a qualidade de vida aqui é muito superior a outras cidades que eu conheço. A questão da limpeza tem épocas melhores e épocas piores né, mas é eu tenho até parentes que vem aqui e ficaram encantados, poxa que cidade limpa, cidade limpa! Não tem um clima muito favorável por causa das variações, mas qualidade de vida aqui é melhor.

[08:30] Carolina: E você chegou a participar de alguma participa, é de algum sindicato de alguma manifestação?

[08:38] Mário: Não, nunca quis participar, já me convidaram pra Apes. A Apes eu ia apenas pra fazer churrasco, porque eu sei fazer churrasco. Então me convidavam e eu tinha o prazer de fazer pra servi aos meus companheiros. Eu frequentei muito a Apes, mas só nesse aspecto e eventualmente algumas reuniões quando se tratava de algum assunto mais sério, mais polêmico aí eu me via na obrigação de participar de algumas reuniões, mas não era frequente. Dependia da pauta.

[09:08] Carolina: E como era a organização estudantil dos seus alunos ao longo da sua trajetória como professor? Você se lembra?

[09:16] Mário: Olha lembro, porque quando a gente estava no antigo Ich, isso a bem mais tempo né é, a gente vê a movimentação dos alunos, movimentação aqueles representantes dos órgãos, CA, é eles tinham uma dinâmica muito maior, tinha reuniões, tinha pauta, tinha discussões, tinha exigências, tinham manifestações pelos corredores num é, vi muitas vezes aquele bando de alunos passando se manifestando, às vezes gritando palavra de ordem né, e reivindicando certas coisas. Acho que houve um resfriamento da na Federal de Juiz de Fora pelo menos, nas ciências humanas aonde eu estou, não vejo mais assim, esse empenhos dos alunos essa organização mais forte, discutindo pautas, reivindicações, não vejo.

[10:14] Carolina: E como era as formalidades institucionais acadêmicas quando você entrou aqui na UFJF? Questão da formatura, das calouradas?

[10:24] Mário: Olha até em torno das formaturas havia uma movimentação maior, que as formaturas em individualizadas. Depois é fizeram aquela foi a a reitora Margarida fez aquela formatura unificada, eu até gostei achei que era bom, muita gente rápida, mas perdeu um pouco da identidade. Hoje está se fazendo uma unificada assim, mais dividida, mais fatiada. Acho que está de bom tamanho, ficou bom. Está mais próximo, procuraram também fazer uma coisa mais ágil, não é assim muita enrolação sem muito discurso comprido, discurso hoje tem que ser de 10 minutos, seja para o representante dos alunos, seja para o reitor. Achei agilizaram, utilizaram, aperfeiçoaram o processo de formatura né, mas parabênizo a iniciativa da Margarida porque também foi uma coisa diferente, que unificava todos os alunos dessa Instituição, mas perdeu um pouco dessa identidade que está sendo recuperada agora.

[11:29] Carolina: Uhum. E como era a metodologia utilizada por você para ministrar suas aulas quando começou a trabalhar na UFJF?

Mário: Você vai estranhar o que eu vou dizer aqui agora.

Carolina: Sim.

[11:38] Mário: Eu dou aula hoje, hoje, como dava há 30 anos atrás. Nunca mudei, eu só trabalho com quadro e giz, mas nada. Eu vou pra sala de aula com a lista de chamada e uma caixinha de giz. Me habituei a isto e não não consegui me adaptar as novas tecnologias, multimídias, essas coisas que usam muito. Acho até interessante, bom, é moderniza, mas os alunos não se queixam, já questionei isto algumas vezes ta entendendo? Então normalmente falo uma hora e quarenta minutos, uso muito o quadro de modo especial por causa da minha disciplina também, que é filosofia grega I e II. Então são termos, são conceitos que tem que ser esmiuçado, mostrados, tem que escrever. Mostro a etimologia das palavras num é, desde a palavra filosofia como todos outros conceitos importantes. Então o meu, a minha maneira de lidar o meu método é o mesmo de sempre, é a caixinha de giz e o quadro.

[12:44] Carolina: Sim. E quais foram e quais são a os principais métodos de aviação utilizados por você?

[12:50] Mário: Os meus métodos também são os tradicionais. É a prova escrita é eu não faço nenhum terrorismo, procuro terminar uma unidade, aviso com antecedência terminou uma unidade vamos fazer uma avaliação, às vezes eu falo avaliação, desabafo intelectual, prova essas coisas, não. É pro aluno ter a oportunidade de demonstrar o seu grau de aprendizagem e até poder aprimora-lo né, eu me lembro nunca receber um aluno pra tirar suas duvidas, suas dificuldades, incentivo inclusive e que haja uma interação deles com o professor durante as aulas, não ter esse acanhamento, terem essa liberdade. Insito muito para que eles participem, perguntem, porque ao perguntar a gente vai no ponto né que precisa ser esmiuçado, que precisa facilitar a sua compreensão. Então eu faço esse trabalho, assim, converso muito com os alunos. Não a distancia, não vou lá friamente, brinco com eles, gosto de criar um clima agradável né, e compartilhado com os alunos.

[14:02] Carolina: E você se lembra se o departamento é para qual trabalha passou por alguma dificuldade econômica resultante de políticas públicas educacionais?

[14:13] Mário: olha eu vou te dizer assim com muita sinceridade, o melhor momento são esses que estamos vivendo nos últimos, últimos dez anos né. É quero deixar claro que não tenho vergonha de dizer isso, nós sofremos muito na mão do FHC. Um salário ruim, todo

final de mês a gente passava apertado, às vezes entramos em cheques especiais, muitas vezes. O que não vem acontecendo nos últimos 10 anos quando nos tínhamos um salário significativamente avaliado e valorizado. Se nós comparamos hoje o nosso salário com o da iniciativa privada, nós vamos observar que estamos em vantagem. Ou até relativamente a outros é executivos, que tem um salário maior do que o nosso, relativamente temos um salário bom. Dá pra viver com dignidade e e educar os nossos filhos, ta entendendo? Ter uma moradia.

Carolina: sim.

Mário: Poder viajar sem exageros, nos temos hoje um salário o melhor momento que nós vivemos na universidade é esse aqui. Como também vive um momento muito bom na polícia militar o que gerou o fato de na época eu trabalhar simultaneamente, não deixar o Colégio Tiradentes, porque o salário aqui não era tão bom quanto o da polícia militar. Ele passou a ser melhor quando fizeram a dedicação exclusiva que dava 50 % aí eu comecei a pagar pra trabalhar lá, porque o salário de lá também caiu muito com o governador a época, foi caindo, caindo, que chegou num ponto que se eu continuasse estaria pagando para trabalhar. Então eu deixei e adotei aqui a dedicação exclusiva e estou aqui até hoje.

[16:06] Carolina: E como você percebe a relação entre a Universidade e a comunidade ao redor do campus?

[16:12] Mário: Olha eu eu, já tenho alguma participação, algumas iniciativas boas né, é não sei se ainda continua caminhada assistida, você conhece a caminhada assistida?

Carolina: Já ouvi falar.

Mário: É é minha filha participou desse trabalho desse grupo, desse projeto. E eu percebia pelo que ela falava umas coisas, uma uma iniciativa maravilhosa. Então a outras iniciativas, agora eu acho que eles deviam intensificar esse intercambio com a comunidade. Acho ainda muito frágil, muito pouco, muito superficial, tinha muita coisa boa e tem muita coisa boa que se pode fazer, mas não há grandes iniciativas. (Iniciou um barulho de maquina) Nós temos um centro aqui de pesquisa chamado pensando bem que é orientando e dirigido pelo nosso chefe de departamento professor Juarez Gomes Sofis. Que tem feito um trabalho maravilhoso nesse sentido num é, é intercambio com egressos, mas ainda podia ainda sim aproximar um pouco mais, fazer mais, preparar alunos e avalia-los simultaneamente com reuniões é semanais, alunos que vão dar aulas de filosofia nos colégios né. Não só aquele estágio exigido pela

faculdade de Educação para licenciatura, mas um trabalho mais direto que implica realmente com a educação em função da é da filosofia. Nós temos café filosófico, que funciona a as quartas-feiras a noite e sábado de manhã e muito com participação de pessoas da comunidade que foram se agregando, também dirigido pelo chefe do departamento e do qual eu participo muitas vezes. Diz ó eu quero que você fale sobre os sofistas, falar sobre os pré-socráticos, falar sobre Aristóteles, Platão, já fui varias vezes falar para as pessoas que participam desse café filosófico, muito bom. É o que eu to dizendo ainda pode podemos fazer mais, e não vejo ai outros cursos tão envolvidos né na comunidade, apreço que fica esperando só alguma coisa que de algum retorno. Então fica capenga porque o nosso propósito é pesquisa, nós estamos fazendo diariamente, temos que fazer se não ficamos analfabetos com o ensino né, temos que transmitir o conteúdo pesquisado, mas tem que ver a extensão também. Que que é fundamental e afinal de contas é uma Instituição mantida pro um governo que recebe imposto deste povo. Então temos que dá um pouco de retorno também para eles, para a comunidade.

[19:02] Carolina: Em relação à cidade de Juiz de Fora como você percebe essa relação da Universidade com a cidade?

[19:09] Mário: Olha relação muito boa. A a UFJF é admirada é respeitada, a comunidade percebe que aqui tem, nós temos grandes valores, grandes pensadores né em todas as áreas temos grandes, até na História do passando também, muitos projetos aqui da cidade passaram, passavam pelos professores aqui da Universidade grandes projeto, ainda hoje quer dizer a comunidade respeita a Universidade e eu me sinto assim também muito respeitado pela comunidade, á respeito conforme eu elogiei no inicio, a qualidade de Juiz de Fora é uma qualidade diferenciada. Então acho que intercambio é bom, falta concretização, a implementação de projetos de extensão, fazer chegar à comunidade a cultura, temos o pró-musica, temos né. É central de atividades que lá são realizadas, mas eu sempre acho que podemos fazer um pouco mais, porque nós temos um trabalho de qualidade, entendeu? Na área, isso tudo na área social, podia fazer muita coisa né. Recentemente aí um aluno nosso aí do núcleo pensando bem fez pesquisa com moradores de rua. Recentemente uma aluna nossa é é fez um concurso de poesias com presidiários e mostrou pra pra nós coisas assim maravilhosas, maravilhosas. Então são iniciativas louváveis, mas eu acho que devia intensificar sobre tudo no campo social.

[20:50] Carolina: Sim. E qual sua avaliação sobre o Reuni?

[20:52] Mário: Muito boa, muito boa! Nós, logo no início nós nos identificamos com com o Reuni alguns cursos se mostraram assim na retaguarda, mas ainda na desconfiança com o pé atrás e nós fomos com tudo, graças a atuação mais uma vez do nosso chefe do departamento. Ele abraçou a causa e e se uniu a direção do Instituto e se comprometeu com o BI, Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, e a gente percebe lá dentro do bacharelado que o curso mais presente é o curso de filosofia, posso dizer isso com segurança né. Muitos cursos têm sido omissos, se comprometeram, foram beneficiados, receberam professores, como nós recebemos quatro doutores e vamos para o quinto agora. Mas é é os compromissos assumidos com o Reuni nós levamos a sério, tanto que nós estamos realizando agora concurso, temos é quatro vagas. Vamos preencher uma agora de acordo com com as nossas carências num é, estamos examinando isso, já examinamos isso. Vamos escolher um candidato que posso preencher algumas carências né. E eu fui fazer a abertura estava dizendo isso pra ele, disse exatamente isso pra eles. Olha eu estou aqui representando o chefe que está viajando, pra dá as boas e ele me pediu que alertasse e aos professores que estão concorrendo a uma vaga, nós temos um compromisso formal com o BI. Então não pode depois alegar que fez concurso para o curso de filosofia não. O curso de filosofia já está nesse guarda chuva, de comprometimento em oferecer tantas disciplinas, tantas vagas, todo semestre para o Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas.

[22:47] Carolina: Uhum. Em relação aos órgãos de pesquisa qual sua relação? Com a CNPQ, FAPMIG, FADEP?

[22:52] Mário: Não, não tenho, não tenho. Porque antigamente isso era muito complicado, muito difícil e a gente não cresceu convivendo com essas realidades. Mas isso já está sendo sanado porque novos professores, nós temos professores, pelo menos um aqui novo que entrou agora a pouco tem contato, já conseguiu varias bolsas, ta entendendo? E ele tem essa visão, nos nossos alunos são carentes, uma bolsa ajuda muito, beneficia muito e ele já conseguiu inúmeras bolsas. Foi nesses órgãos tanto aqui na Universidade como fora da Universidade, até me pede pra eu fico atento aos e-mails nesse sentido.

[23:41] Carolina: Sim. E em sua opinião qual o papel da ciência na sociedade?

[23:46] Mário: Olha o papel da ciência é melhorar a qualidade de vida da sociedade, em todos os níveis. Porque o que a gente percebe é que a muitas generalidades, lutar pela justiça social, educação de qualidade, saúde para todos. Mas o que, que nós que temos o compromisso com

a ciência estamos fazendo nesse sentido? Porque tem até um célebre é presidente dos Estados Unidos que colocou essa questão para o povo, não é ficar perguntando o que meu país pode fazer por mim não, é perguntar também o que você pode fazer pelo seu país? Então se você é uma pessoa capacitada capacitada, que tem competência pra isso e pra aquilo procure ir nesse sentido realmente de de de melhorar a qualidade de vida do cidadão. Todo progresso, toda inovação, toda conquista nova nessa área da ciência é exatamente pa para poder se melhorar a situação, as condições do ser humano né. Menos violência, mais saúde, mas educação de qualidade né, mas justiça, mas distribuição, só que são coisas, assim, que isso depende da ciência. Isso não cai assim do céu de qualquer modo, tem que ter atuação do do homem, procurar aquilo que é vantajoso, que é valioso e que promove a vida, que conserve a vida, que recupera a vida. É esse esse sentido, aí você vai dizer isso é tudo muito pragmático, mas é um pragmático que depende da ciência né. Quem que vai iluminar o cientista o homem que detém o conhecimento e a informação pra ele compreender a realidade, é o conhecimento é a teoria. Agora ficar só na teoria e vendo a pessoa sofrendo, morrendo, agonizando e nos corredores de hospital, crianças aí fora da escola, e violência aqui, violência ali num é. Então é acho que a ciência tem que ter compromisso né com a vida do ser humano.

[25:58] Carolina: E também na sua opinião qual o dever do professor na sociedade?

[26:03] Mário: Olha o papel do professor que eu encarno é exatamente esse, eu leio todos os dias, escrevo todos os dias, volta e meia eu é eu é passo para Tribuna e eles sempre publicam alguns artigos. É numa linguagem mais simples, mas aplicando a filosofia a vida das pessoas, porque a pessoa perdeu serenidade, perdeu a tranquilidade, perdeu o controle o autodomínio, perdeu sua autonomia, sua liberdade, sua independência. Essa pessoa vai ser infeliz, mas por quê? Então a filosofia está sempre em busca do porque das coisas, porque que as coisas acontecem assim ou acontecem de uma outra maneira completamente diferente daquilo que se esperava né. Então é nesse sentido que eu uso a filosofia, não é propriamente uma autoajuda, mas é uma provocação para que ela reflita sobre sua vida né. Quanta violência, quanta chateação, quanta traição, quantos embates desnecessários. Às vezes acontece né, você é da família e a gente percebe que é por falta de uma alerta né, porque nada substitui, por exemplo, o dialogo. Aí eu sempre uso uma linguagem explicativa mostrando, por exemplo, a noção do diálogo, o diálogo diz tem duas razões. São dois não é monólogos e diá em grego significa exatamente colocar no meio, para que o outro conheça minhas razões, meus motivos, meus argumentos, eu possa conhecer os dele, para que ele não pense que se está no meio e

reconhecer que as pessoas são diferentes e que é bom que haja encontro de diferentes. Então todas essas discussões é que eu procuro passar nos meus artigos, para leva levar uma contribuição para a comunidade. Agora quando eu digo encarnar, porque eu to falando da minha área, encarnar o meu papel de professor em relação à comunidade é estudantil ou não né. É no sentido de entender que eu tenho que pesquisar uma pessoa que não pesquisa hoje ela fica analfabeta. Eu to lhe dando meu testemunho, além de ler os meus jornais. Ô jornal, agora eu leio um só pra acompanhar as notícias do país porque o aluno pode me fazer alguma pergunta né, então eu tenho que ter essa responsabilidade de poder informar de uma maneira crítica a respeito das leituras que eu fiz né. E depois na minha área, mas não posso ficar só na pesquisa de gabinete, eu tenho que sair para o ensino e depois para a extensão. Então alguma coisinha eu percebo que estou fazendo, que sempre fiz, mas é nessa linha de tomar consciência de que eu sou alguém que que tem que está permanentemente comprometida com pesquisa, ensino e extensão.

[29:07] Carolina: Entendi. E como você vislumbra a UFJF aqui a 50 anos?

[29:12] Mário: Olha não tenho a mínima.

Carolina: Ou daqui a muitos anos?

Mário: A mínima ideia, mas posso conjecturar acho que vai ser muito melhor do que hoje. Eu tenho assim, uma visão muito otimista do do mundo, do Brasil, da minha família, dois meus filhos, da da e e dessa Instituição. Porque desde que eu cheguei aqui em 82, já são 12 pra 13 anos né. Bom 32 pra 33 anos, a Universidade cresceu extraordinariamente, e quem podia há 30 anos atrás fazer ideia de que a Universidade fosse o que é hoje. Não é uma maravilha, mas mudou muito! Cresceu muito, desenvolveu muito, se qualificou muito em todos os sentidos. Então a minha perspectiva é de que essa melhora continue, acho que não vai haver um retrocesso, num vai haver um retrocesso. Mesmo porque foi bom até ter feito essa pergunta, porque eu estou percebendo que os professores que foram chegando depois de mim, depois de uns 10 anos, 15 anos, 20 anos e hoje, sobretudo estão muito mais bem preparados do que nós estávamos naquela época. Nós fomos qualificando, é assim, as duras penas, mas hoje por exemplo a gente vê esses esses novos professores, têm ideias extraordinárias. Nós tivemos uma reunião na ultima, penúltima reunião que nós tivemos ainda brinquei, assim, opa! Falei com um professor: reunião hoje foi padrão FIFA brincando né, porque as ideias novas né. Então esse professor Lorizete mesmo tem uma argúcia, uma perspicácia com todos discutindo

problemas pertinentes ao nosso departamento, ao nosso ensino, ao nosso currículo e e esse tolerância instituições de fomento, conhece tudo, tudo, sabe lidar. Ele recuperou em pouco em poucos, em dois meses o nosso site na na, nós tínhamos perdido a senha o professor aposentou ninguém pegou e não passou pra ninguém, ficou aquilo esquecido. Então entrando em contato com CGCO, ele entrou em contato eu na sabia como é que tinha que ser feito. Ele sabia tudo, fez o contato recuperou a senha, hoje está no portal da Universidade cheio de informações, de artigos, comunicações, programação é é o Lattes dos professores tudo, e e tem um aluno bolsista muito bem preparado que faz atualização quase que diária. Então aluno que produziu um artigo eu trabalho científico, passa pra ele, e ele joga lá no... tem tem um Núcleo do Pensando Bem, está lá, ficou muito bom. Então a minha perspectiva continua sendo otimista, acho que ainda será muito melhor do que do que é hoje, isso tudo porque nós, os professores estamos sendo mais bem preparados. É uma coisa importante uai, eu entrei na Federal de Juiz de Fora só com graduação, depois que fiz especialização, mestrado, fui me programar fui fazer o doutorado. Hoje abre concurso a primeira coisa que você vai vê lá o pré-requisito é o doutorado, ta muito diferente né, muito diferente.

[32:54] Carolina: Então ta eu queria agradecer a entrevista pro Projeto da UFJF.

[32:58] Mário: Eu que agradeço a oportunidade.